

Da pescaria para a vida acadêmica

Durante dois meses, Leide da Silva, 30 anos, trocou a rotina de 20 anos por outra realidade. Em vez de acordar cedo e se preparar para a pesca em Brasília Teimosa, ela reunia o caderno, a caneta e seguia para a Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Lá, encontrava outros 60 pescadores que - pela primeira vez para muitos - experimentavam uma vida acadêmica. Na quinta-feira passada, o grupo recebeu o certificado do curso de extensão em ecologia de ambientes marinhos. Estava encerrada aquela etapa. Mas, além do papel na mão, eles deixaram o câmpus com a certeza de que o conhecimento não se perderia.

Filha de pescador, Leide tem sete irmãos que também seguiram a profissão e diz que a sabedoria da

pesca não falta a ninguém. Mas admitiu que, após as aulas teóricas e práticas, o “funcionamento das coisas” se tornou mais claro. “A gente sabe a técnica, entende o mar. Mas a degradação ambiental está muito grande. Com o curso, os pescadores se transformaram em vigias e passaram a controlar a ação do outro”, ressaltou. Ela contou que compreendeu o impacto causado pelo despejo de óleo e de sacolas plásticas no mar e que, a partir de agora, ia cobrar cuidado dos outros pescadores.

Experiência - “As tartarugas comem o plástico, achando que é caravela e morrem sufocadas. O problema não está só na sujeira”, disse Leide, contando que a experiência fez com que desejasse ainda



Leide da Silva, 30, com o certificado do curso de extensão feito na UFPE

mais que seus filhos dessem continuidade aos estudos. Os sete cursos de extensão são coordenados, a cada seis meses, pelo professor José Zanon Passavante como uma estratégia de levar o conhecimento da universidade para fora dos mu-

ros. Além dos pescadores, as aulas de ecologia, inserção socioambiental e digital são oferecidas a entidades sociais e professores estaduais. “É uma maneira de oferecer oportunidade a todos. Nem que seja um pontapé”, afirmou.